



01

A Tristeza, a Maternidade, a Vaidade.

D. B., SEXO FEMININO, 28 ANOS, ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

Penso em ter um filho, mas quero que ele tenha uma mãe melhor. Estou casada há cinco anos, meu marido é viúvo, tem um filho, o B., e uma filha, a D. Com ambos, eu tenho muitos problemas. O B. tem uma personalidade muito forte. Eu não tenho paciência com ele. A D. me desafia o tempo todo! Tenho tristezas, depressões, perco a vontade de viver. Sinto muito medo do futuro, medo do meu marido morrer. Eu não vivo o presente. Eu vinha bem, mas desde que casei eu me enrolei. Apareceu um egoísmo, uma irritabilidade... Não entendo, amo demais o meu marido, mas algo está errado! Estou sem autoconfiança, com baixa auto-estima, sem perseverança. Estou menstruando de dois em dois meses, com muita prisão de ventre, queda de cabelo, estou gorda, cheia de espinhas. Na infância, meu pai me assediou sexualmente, mas nem quero me lembrar disso.

1ª SESSÃO DE REGRESSÃO

“Sinto muito calor, é um lugar abafado, é escuro, tem gente gritando. É como se as minhas mãos estivessem amarradas para trás. (angustiada) Parece um navio, são negros, eu também sou, estão nos levando para outro lugar, estou com muito medo, todos estão muito apertados, tenho vinte e poucos anos.

Eu choro muito. Tenho medo, nos pegaram à força; é um tipo de porão, muito calor, muito abafado. Somos de Zâmbia. As pessoas choram, estão desesperadas... Homens mais velhos, mães não sabendo onde estão seus filhos.

Parece que chegamos, mas estamos trancados, não consigo ir em frente. Estamos descendo do navio, nos colocam todos juntos num lugar, estamos esperando, somos todos negros, estamos cansados, fracos, com muito medo.

Agora e mais tarde, me vejo apanhando de um homem grande e alto. Ele é gordo. Estou apanhando no rosto, acho que é o meu orgulho, eu não deixo eles me dominarem, eu respondo para os homens da fazenda.

É em Minas Gerais em 1876. Estou num galpão de palha fechado, todos os negros estão lá, é um lugar abafado, estamos deitados no chão, amontoados, os filhos, os maridos, as crianças. Eu me sinto sozinha, muito triste, muito revoltada, é aqui que nós dormimos. (desalentada)

Eu sou uma mulher, sou muito bonita, chamo a atenção dos homens que trabalham na fazenda, que me obrigam a ir com eles, me levam à força. Ficam dois comigo, um fica cuidando, eu me sinto mal, sinto muito nojo deles. Tenho muito medo, sinto muita raiva deles, se eu pudesse, matava eles! (com ódio)

Tem um rapaz negro que gosta de mim, parece que eu gosto dele, mas não me conformo com essa situação, eu rejeito ele, eu rejeito tudo, sou muito orgulhosa, não aceito nada dessa

situação, sou muito infeliz. (triste) Às vezes quero ficar com ele, mas me vem uma revolta, por que sou negra? Eu queria ser branca, morar numa casa, não assim, todo mundo junto, sentindo o cheiro, eu não me conformo com essa situação, falam comigo, eu não quero escutar ninguém, sinto muita raiva! (revoltada)

Acho que esse rapaz que gostava de mim é o meu marido hoje, tem o mesmo jeito de agora, uma pessoa calma, ponderada, que tem muita fé, muita confiança. Às vezes eu tenho raiva desse jeito calmo dele!

As pessoas não gostam de mim, me tornei ruim, alguém que entrega os outros para os brancos, sofrem por minha causa, eu conto o que eles estão falando, os planos, conto para os feitores e então pegam e batem neles. Eu faço só para me divertir, para me vingar, mas claro que os feitores sempre me fazem algum favor, algo de comer, mais folga no trabalho... Os negros me deixam de lado, não falam comigo, só uma senhora velhinha, ela me fala, me diz que isso está errado, que vou me prejudicar, mas eu não quero escutar ninguém! Estou muito revoltada. Essa senhora gosta de mim, é minha única amiga. (triste)

O tempo vai passando e nada muda, as mesmas coisas. Estou ficando mais velha, na mesma senzala, mas sempre sozinha, só que agora os brancos não me querem mais, estou com mais ou menos 65 anos, os cabelos brancos, agora já tenho outras ideias, começo a me arrepender. Tenho medo do futuro, quando eu morrer, o que vai acontecer comigo? Os que prejudiquei e já morreram vão querer se vingar de mim, as pessoas da senzala até me dizem que alguns já estão me prejudicando, estão do meu lado, me perseguindo, fazendo com que eu fique triste.

Eu peço perdão a Deus, que me perdoe, peço luz. Tem muitos negros que são videntes, eles fazem trabalhos de noite,

com animais, para os Espíritos, trabalhos com galinhas, eu não gosto disso, tenho medo, fico de longe... Alguns têm raiva, mas as pessoas que comandam os trabalhos não deixam fazer nada de mal para os brancos. Isso me dá raiva, eu acho que devíamos nos vingar deles! Agora eu tenho pena dos negros e raiva dos brancos.

Aquela senhora fala para mim em Espírito, eu enxergo ela, diz que todos são irmãos, os brancos e os negros, somos todos filhos de Deus. Estou ali, separada, com raiva, e essa senhora conversando comigo, querendo que eu entenda. Me sinto muito desanimada, com muito medo, sem esperança, com muita tristeza aqui dentro. (põe a mão no peito)

E eu morri assim, sozinha, dormindo, ali no meu canto. (triste) Parece que fico assim muito tempo, está tudo escuro, não consigo entender bem, sinto muita fraqueza, sem vontade de nada, sem consciência das coisas. Depois de um tempo, vou começando a ficar mais consciente, e aí vem o medo daqueles que eu tinha prejudicado. Escuto choro, tem muita gente chorando, eu não vejo, mas aos poucos começo a enxergar, todos são muito tristes, uns gritam muito, estão desesperados, é escuro, é horrível! (com medo)

Que vontade eu tenho de sair daqui, os gritos me agoniavam, todos chorando, só gente sofrendo, gritando, alguns gritam que eles vão chegar, que eles vão voltar! São os Espíritos maus. Eles vêm aterrorizar, riem muito, são magros, altos, têm barba, como quando não faz a barba, uma expressão horrível, feia, de ódio, de ironia, eles têm animais, são cachorros furiosos, pretos, ficam latindo, ameaçando a gente. Uns chegam perto de mim, me dizem: "Aí está a medrosa! Agora tu tem medo, mas antes tu não tinha!" Alguns deles parece que eu conheço, são dos brancos, eles gritam muito, xingam, dizem coisas horríveis, como: "Sua velha porca, agora tu tá velha, agora ninguém te

quer mais, nós não vamos te deixar sair daqui!” Também tem os negros, são feios, tem os olhos vermelhos, saltados, eles cospem em mim, têm raiva de mim, eu não consigo ter reação nenhuma. (apática)

Fico um tempão assim, nem sei quanto tempo fiquei ali. Aí um dia lembrei daquela senhora que falava comigo, rezei e pedi para ela me ajudar a sair desse lugar, eu não vejo, mas ouço ela dizer, como se fosse um pensamento: “Procura ficar calma, tu vai ficar aí mais um tempo, mas procura elevar teus pensamentos e perdoa”. E o tempo passa, aqueles homens vão e vêm, alguns brancos, outros negros. É muito ruim, muito triste aqui, parece que não tem tempo, só escuridão, só sofrimento.

Mas agora parece que vêm vindo duas pessoas com uma expressão boa, eles têm luz, são dois rapazes. Eles me dão a mão, eu estou numa espécie de lama, tem pessoas que estão dentro da lama, eu estou sentada em cima de uma pedra, tem alguns muito machucados, é horrível aqui!

Eles têm que agir rápido, antes que aqueles venham. As pessoas pedem, gritam, eu não falo nada, não tenho forças, mas quero ir embora daqui, é um horror, as pessoas se empurram para ir primeiro. Os rapazes dizem: “Calma, todos que querem ir, irão, todos serão buscados.” Um deles olha para mim e pergunta: “A senhora também quer ir?” Eu só consigo balançar a cabeça que sim. Eles nos botam todos dentro de uma espécie de ônibus, mas não tem rodas, parece um vagão de metrô. Tem motorista, janelas, fazem uma espécie de mentalização e o ônibus sai. É muito rápido, tem um cheiro gostoso ali dentro, já começo a me sentir melhor. Que bom! (suspira)

Abre o portão e o ônibus entra, um portão grande, não sei o que é, parece um hospital. Tem muitas pessoas caminhando no pátio, alguns amparados por enfermeiros, tem um chafariz no meio. Nos levam para uma sala, tomamos banho,

parece chuveiro, mas não é uma água, ela não molha, mas nos limpa. Boto uma roupa branca e o chinelo. Vamos dormir para descansar. Ah! Que bom estar numa cama! Tem muitas camas, muitos enfermeiros, pessoas bondosas, sorrindo.

Vem um doutor conversar com a gente, Dr. Marcos. Ele me diz: “Agora procura não pensar mais em nada, descansa primeiro, depois nós vamos conversar, procura se recuperar, ficar alegre, lembra o que aquela senhora dizia?” Aí vem uma moça, me dá um passe, me acalmo.

Eu vou me recuperando, já caminho, já converso com as pessoas. É um lugar bem grande, tem claridade, parece sol que não queima, o ar é perfumado. Tem muita gente trabalhando. Eu descanso, procuro não pensar, mas é difícil, vêm aquelas imagens na cabeça, a minha vida toda, alguns deles ainda me chamam, eu sinto a voz deles, me dá dor na cabeça... Quero descansar primeiro, que Deus me ajude, vou melhorar. Tem enfermeiros, médicos, tem pessoas que limpam, jardineiros, todos aqui trabalham muito.

Já me recuperei bem. Tem uma biblioteca, eu queria ler os livros, tem muitos livros, o Evangelho segundo o Espiritismo, livros de André Luiz. Tem vários livros de escritores famosos, eu queria saber ler e não sei. Ainda sou velhinha, só que agora eu me sinto bem mais forte, essa correria das pessoas trabalhando, é contagiante. Pedi para ajudar em alguma coisa, aí eles me deram um trabalho na limpeza, vou limpar o chão, já me sinto bem mais forte.

Algumas pessoas dizem que posso mudar de aparência física, se quiser, ficar mais jovem, ou assumir a aparência de uma outra encarnação. Eu digo que não, agora gosto de ser negra e de ter o cabelo branco.

Eles dizem que está na hora de mudar de lugar, ir para um lugar maior. Então eu vou com o mesmo ônibus para outro

lugar. É uma colônia, tem um educandário, crianças, parece uma cidade agora. Antes era o Hospital São Lucas, essa eles chamam de Colônia da Esperança. Tem casas, tem uma enfermaria, o colégio das crianças, escolas para os mais velhos, tem até uma espécie de Faculdade, cada um estuda uma coisa diferente.

Pode estudar o que quiser, até música, têm várias opções, eu vou aprender a ler. Tem uma moça muito querida que ensina as pessoas a ler, eu vou na aula, estou muito contente de aprender a ler, que bom! E tenho um trabalho também, ajudo a cuidar das crianças na escola, elas me chamam de Tia Maria. Me sinto muito feliz com o estudo e o trabalho, as crianças são como um bálsamo. Me sinto muito bem, muito tranquila. (feliz)

Eu moro numa casa com várias pessoas. Algumas pessoas comem só no começo, depois não se come mais, comem frutas, muitas frutas, pães, sucos, tem árvores de maçã, de laranja, tem umas frutas diferentes que não tem na Terra, umas frutas lindas, viçosas. Depois não precisa comer mais. No começo fazemos xixi e cocô, depois não. Mas é diferente, não tem cheiro.

Passou o tempo, agora eu já sei ler e escrever. Eu li o Evangelho segundo o Espiritismo. Me indicaram livros, alguns do Erico Verissimo, alguns mais complicados que não consegui entender. Peguei um do Tolstoi, eles me dizem: “Maria, esse é muito complicado, pega um mais simples.” Tem um livro do Pierre Levy, um autor francês, e outros.

Vêm falar comigo, me dizem que está chegando a hora de reencarnar, que vou ter que voltar, só que eu tenho medo de voltar, dos resgates, não é fácil estar encarnado. Tem instrutores encarregados disso, dizem que tenho que começar a me preparar, fazer um Curso, tenho que começar a pensar nisso. Ah! Eu não queria reencarnar.

Tenho a mesma aparência, mas mais saudável, mais jovial, mais ágil. As pessoas que moram comigo me falam, me explicam que tenho que progredir, que tenho que voltar para evoluir, crescer, me libertar. Então eu vou me preparando para reencarnar. Tem um departamento que ajuda, o Departamento das Provas, eles pegam a minha ficha, começam a olhar, a conversar. Tem arquivos, a ficha vai aonde a gente vai, no Hospital, na Colônia.

Dizem que eu vou reencarnar na Nicarágua. Tenho que passar por coisas que estão ocorrendo lá, guerras, dificuldades, junto com algumas pessoas da fazenda, os feitores, os negros, algumas pessoas da Casa Grande. Tem alguns deles aqui, mas a gente não pode se encontrar. Os Protetores estão preparando todos individualmente.

Estou rezando, pedindo que Deus me ajude nessa vida, que me guie, me proteja. Sinto um frio na barriga, medo do que vai acontecer, medo de errar de novo. Meus pais são ligados àquele passado, os irmãos, uns são amigos, outros não. Os Guias me explicam que vai ser uma jornada muito difícil, vou encontrar muita pobreza, um ambiente de guerras, e eu tenho que procurar me manter calma, não ser orgulhosa, não me revoltar.

Aquela senhora é muito mais evoluída que nós, vai ser minha mãe, vai me ajudar, eu me abraço nela, choro, ela já está encarnada. Ela é meio morena, meio índia, eu me vejo criança, ela cuidando de mim, um fogão de pedra, cuidando dos filhos, sou bem pequena. Ela cuida de nós com muito carinho. É um lugar empoeirado, uma casa pobre, de tijolo. Meu pai é muito bravo, ele era aquele que me batia, ele não tem paciência com as crianças, ele joga, bebe, tem os amigos dele.

Tenho muitos irmãos, tem três meninos que eram lá da senzala, os que não gostavam de mim, os meus maiores inimigos

lá. Aqui parece que a gente se dá mais ou menos bem, brigamos de vez em quando. A gente brinca de lata, coisas que a gente inventa, nós não temos brinquedos, a mãe dá risada das nossas brincadeiras.

Vejo a mãe nos escondendo num porão, vai ter tiroteio, ela manda todo mundo ficar quieto. Aí começa o tiroteio, todo mundo começa a chorar, eu me abraço nela, ela diz: “Calma, calma, vai dar tudo certo.” Como é bom ser filha dela. Termina o tiroteio, a gente sai e volta para casa. Esse lugar também é muito quente, tem muito sol, tem muita mosca também.

Já estou grande, sou tipo índia, é em 1948. Eu sou mais calma agora, mas às vezes eu brigo com os outros irmãos. A mãe nos acalma muito, o pai é bravo, ele trabalha bastante, ele planta, depois vai vender na cidade. A gente trabalha muito, com os animais, vende as coisas, faz pão. Mais tarde eu namoro e caso, é muito bom, tenho um monte de filhos, alguns são de lá, o marido é aquele que gostava de mim na outra vida e que é meu marido hoje, um dos filhos era filho do dono da fazenda, os outros são conhecidos daquela fazenda, outros de outras vidas.

Tem muitas dificuldades para ter o que comer. Muito trabalho, me sinto tão cansada às vezes, muitas brigas na região, muita confusão. Fico velha, muitos problemas de saúde, muitas dores no corpo, nas juntas, nos joelhos, nas pernas. Sou gordinha, tenho netos, estou muito triste por ter perdido meu marido, ele era uma pessoa muito boa. Mas já não me revoltei tanto, não fui tão orgulhosa, me senti triste muitas vezes, mas estou bem mais realizada agora.

Quando desencarnei, fui bem mais alegre, fui direto para o Hospital, não fiquei no Umbral. (sorrindo) Encontrei o meu marido, a minha mãe, todos contentes que eu tinha conseguido superar as dificuldades, tinha conseguido não odiar aqueles da

outra vida. Tinha mais admiração por uns filhos do que por outros, mas amei a todos. Como é boa a sensação da Missão cumprida!”



COMENTÁRIOS

Ela se viu como uma mulher negra, muito bonita, no século XIX que, juntamente com outros, vem da África para Minas Gerais como escrava. Revolta-se com a situação, mas se alia aos brancos em troca de favores, mesmo odiando-os. Com isso, provoca uma reação de seus companheiros de infortúnio, que passam a hostilizá-la e a evitar sua companhia, o que aumenta a sua revolta. A única pessoa que conversa com ela e lhe dá conselhos é uma senhora negra, velhinha, que será sua mãe na próxima encarnação e que é um Ser muito evoluído.

Após desencarnar, devido à sua baixa frequência vibratória, consequência de seus maus atos e de seus pensamentos e sentimentos de raiva, de revolta, de mágoa e de tristeza, ela permanece em sintonia (afinidade vibratória) com alguns negros e brancos desencarnados. Uns são antigos companheiros que a odiavam pelo que ela fez e outros, antigos opressores. A sua descrição do Umbral é uma pálida imagem do verdadeiro horror que é essa zona tão próxima à crosta terrestre, onde permanecem as pessoas que desencarnam com uma frequência tão baixa que não lhes possibilita acessar o Plano Astral, onde estão as colônias, as cidades, os hospitais, as escolas, etc.

Mais tarde, chegam as equipes de resgate que conseguem levar consigo vários sofredores, inclusive ela. A sua descrição

do Hospital, dos médicos, enfermeiros, etc., vai repetir-se em vários outros casos de regressão. Mas ela entra em detalhes, ao nos citar livros, autores, alimentação e até a minha constrangedora pergunta sobre as necessidades fisiológicas...

A sua próxima encarnação ocorre na Nicarágua, como filha de um dos brancos da fazenda e daquela senhora negra que lhe dava conselhos. Entre seus irmãos encontram-se antigos amigos e inimigos. Isso nos ajuda a entender por que, em certas famílias, observam-se grandes conflitos entre seus membros, antigos desafetos que estão próximos em busca de harmonização entre eles, e também grandes afinidades.

Posteriormente, ela casa com o mesmo homem que já gostava dela na encarnação passada e que hoje é também o seu marido. Isso é que é persistência. Atualmente ele é viúvo e tem dois filhos do seu casamento anterior que ela ajuda a criar, e veremos na próxima sessão de regressão que essas crianças aparecerão numa outra encarnação, no Marrocos, quando ela é uma das mulheres de um Sultão e o menino B. é seu filho e a menina D., uma das esposas e sua maior rival lá! E agora voltaram todos a se encontrar, numa família, com a mudança apenas das cascas. Nessa época, eu incentivava o reconhecimento nas regressões, por isso ela reconheceu o B. e a D. Hoje em dia, nunca incentivo o reconhecimento, pois, como falei antes, é uma infração gravíssima à Lei do Karma!

Quando ela desencarna nessa vida na Nicarágua, a sua frequência vibratória mais elevada já permite que acesse um Hospital no Plano Astral, sem ficar emaranhada nas ligações energéticas com obsessores do Umbral. Encontra lá o seu pai e sua mãe, que haviam desencarnado antes, e descobre, então, com muita alegria, que nessa encarnação ela conseguiu evoluir em suas metas pré-reencarnatórias, pois não havia se revoltado

tanto, não havia sido tão orgulhosa, não havia odiado. E foi muito emocionante ouvi-la afirmar: “Como é boa a sensação da Missão cumprida!”